

DINÂMICAS FAMILIARES EM TRANSIÇÃO: A ADOLESCÊNCIA EM FAMÍLIAS RECASADAS

FAMILY DYNAMICS IN TRANSITION: ADOLESCENCE IN REMARRIED FAMILIES

Ludmilla Furtado da Silva Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
ludmillafurtado@yahoo.com.br

Resumo O termo família, além de abarcar um conjunto de pessoas, representa uma construção social, instituída por normas, valores e representações, transmitidas, culturalmente, dos pais aos filhos. Como uma construção, no caso das famílias recasadas, há um redimensionamento de limites e o surgimento de uma nova dinâmica a partir dos vínculos estabelecidos entre seus membros. A dinâmica conjugal e a parental são diferenciadas no recasamento, sendo, comumente, associadas ao aumento de estresse, já que seus membros possuem histórias de outras relações. A nós, interessou realizar uma revisão narrativa com vistas a discutir a literatura sobre divórcio e famílias recasadas, com foco em filhos adolescentes. Chegamos as considerações que valorizar as estratégias que as próprias famílias recasadas constroem para lidar com o estresse e promover bem-estar, pode auxiliar na redução de um olhar estigmatizado em relação à dinâmica desse modelo de família.

Palavras-chave Divórcio. Recasamento. ciclo de vida. adolescência.

Abstract The term family, as well as encompassing a group of people, represents a social construction, instituted by norms, values and representations, transmitted culturally from parents to their children. As a construction, in the case of remarried families, there is a resizing of boundaries and the emergence of a new dynamic based on the bonds established between its members. The conjugal and parental dynamics are different in remarriage and are commonly associated with increased stress, since the members have histories of other relationships. We were interested in carrying out a narrative review with a view to discussing the literature on divorce and remarried families, with a focus on teenage children. We came to the conclusion that valuing the strategies that remarried families themselves build to deal with stress and promote well-being can help reduce the stigmatized view of the dynamics of this family model.

Keywords divorce. Remarriage. life cycle. Adolescence.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 10/11/2024
Publicado em 30/12/2024

INTRODUÇÃO

O termo família abrange não apenas um conjunto de pessoas, mas também uma construção social, instituída por normas e valores transmitidos culturalmente dos pais aos filhos. Como um dos primeiros ambientes de socialização, a família atua como mediadora dos padrões e influências culturais, assegurando a continuidade e o bem-estar de seus membros e da coletividade, especialmente na proteção dos filhos (CAMPOS et al., 2017). Assim, a família orienta seus integrantes em diversos aspectos da vida social, incluindo o afetivo, como doação, afeto e confiança, adequando o comportamento dos filhos a uma ordem coletiva mais ampla (NAIFF e SILVA, 2017).

Não há uma configuração familiar ideal, pois existem diversas combinações e interações entre os indivíduos nas diferentes formas de famílias contemporâneas, incluindo as recasadas (CAMPOS et al., 2017), que são o foco deste estudo. As experiências históricas e familiares promovem novos modelos de ser família, tornando-a uma unidade dinâmica que organiza e influencia a subjetivação e a interação social. Membros de famílias contemporâneas adaptam-se às novas formas de coexistência, resultantes do conflito entre valores antigos e novas relações (CAMPOS et al., 2017).

As famílias recasadas redimensionam seus limites e estabelecem novas dinâmicas entre seus membros, ao aumentar o número de integrantes (THORSEN e SAWYER, 2021). O divórcio e o recasamento alteram diretamente a estrutura familiar, podendo modificar padrões sociais e gerar novos modelos familiares. Segundo Carter e McGoldrick (1995), as famílias recasadas estão se tornando típicas, com um terço das famílias norte-americanas nessa situação. O aumento dessas famílias e as instabilidades nos casamentos levaram a uma concentração de pesquisas sobre os efeitos negativos do divórcio e do novo casamento, revelando um percentual significativo de problemas de saúde e disfunção nessas famílias (NAIFF e SILVA, 2017; RAMÍREZ et al., 2020; RALEY e SWEENEY, 2020).

Construir novas relações no recasamento exige repensar a dinâmica familiar. Os parceiros devem conciliar filhos de uniões diferentes, a nova relação conjugal e o contato com ex-parceiros, enfrentando adversidades e promovendo coesão e entendimento grupal para fortalecer a família recasada (ROLHAS, 2016). O aumento dos divórcios não indica aversão ao casamento, mas sim sua valorização, já que as pessoas se divorciam por expectativas não atendidas. Contudo, muitos não estão preparados para o impacto emocional, social e econômico do divórcio, afetando várias gerações e aumentando a complexidade das tarefas desenvolvimentais (NAIFF e SILVA, 2017; VIEIRA et al., 2019).

As mudanças nos relacionamentos familiares, como separação e recasamento, exigem reajustes que podem ser dolorosos para todos os membros, especialmente para os filhos. Analisando

a liberdade de casar e recasar, é relevante investigar como as transições familiares são negociadas, especialmente em famílias com filhos adolescentes, que vivem transformações significativas em um contexto de desenvolvimento.

Na família recasada, cada membro deve redefinir papéis e lidar com a fluidez das fronteiras, promovendo adaptações que favoreçam relacionamentos flexíveis (KOPROWSKI et al., 2020). A mudança estrutural provocada pela separação e pelo recasamento exige que todos encontrem seus lugares e funções, evitando exclusões (THORSEN e SAWYER, 2021). Os relacionamentos são fundamentais para o desenvolvimento familiar, especialmente do adolescente, que passa por transformações biológicas e psicológicas (SILVA e PONCIANO, no prelo). Nossa proposta é abordar os subsistemas da família recasada, focando na conjugalidade e parentalidade durante a adolescência, fase que prevê aumento do estresse familiar (PONCIANO, 2016).

Considerando o estresse da transição para o recasamento e a presença de filhos adolescentes, discutiremos a dinâmica conjugal e parental, aprofundando o entendimento sobre como pais e filhos se relacionam em famílias recasadas. O objetivo é desenvolver uma revisão bibliográfica para explorar opiniões e significações sobre o tema.

1- DIVÓRCIO E RECASAMENTO

A partir dos anos 1980, o divórcio passou a ser visto como uma solução para casamentos infelizes, impulsionado pela independência econômica e social das mulheres e movimentos de valorização feminina. O aumento dos divórcios trouxe desorganização familiar e conflitos, especialmente em famílias com filhos (PONCIANO e FÉRES-CARNEIRO, 2017). O divórcio é um processo complexo que envolve várias etapas, desde a desestruturação do casamento até a nova vida pós-ruptura, acarretando perdas para todos os membros da família (RAMÍREZ et al., 2020; RALEY e SWEENEY, 2020).

Esse processo é doloroso e pode gerar sentimentos de desespero, sendo que seu impacto varia conforme a fase do ciclo de vida familiar em que a família se encontra (NAIFF e SILVA, 2017; VIEIRA et al., 2019). O divórcio não é apenas uma separação legal, mas envolve também períodos de pré e pós-divórcio, que podem complicar a superação da separação (RAMÍREZ et al., 2020). As incompatibilidades entre expectativas dos cônjuges e a falta de sintonia podem contribuir para a dissolução conjugal (GREENNE et al., 2016; MCGOLDRICK e SHIBUSAWA, 2016).

Mudanças estressantes afetam as relações sociais e emocionais dos adultos e filhos, alterando dinâmicas familiares e comportamentais (PONCIANO e FÉRES-CARNEIRO, 2017). A literatura indica que as pessoas se divorciam não por falta de crença no amor, mas por não aceitarem relações que não atendem às suas expectativas (RAMÍREZ et al., 2020). A entrada da mulher no mercado de trabalho aumentou sua autonomia nas escolhas amorosas, reduzindo a permanência em casamentos por questões econômicas (BARCELLOS et al., 2022).

Estudos mostram que o emprego feminino pode estar associado a uma maior probabilidade de divórcio, especialmente em casamentos menos satisfatórios (RALEY e SWEENEY, 2020; KILLEWALD, 2016). A família recasada surgiu na década de 1960, refletindo a busca por relações mais equilibradas e íntimas, que vão além dos laços biológicos (GANONG et al., 2019). O recasamento implica reavaliação dos papéis e das expectativas, considerando as experiências passadas e a fase do ciclo vital em que se encontram (PASLEY e GARNEAU, 2016).

Embora o recasamento enfrente desafios, como a convivência de várias famílias e a necessidade de redefinir papéis, também oferece oportunidades para novos vínculos e suporte emocional (PASLEY e GARNEAU, 2016; MCGOLDRICK e SHIBUSAWA, 2016). A compreensão da família recasada como um sistema dinâmico é crucial para abordar suas interações e desafios, evitando a tentativa de replicar a estrutura da família nuclear intacta (PASLEY e GARNEAU, 2016; SCHOLZ & BOTTOLI, 2019).

Assim, o recasamento pode ser uma oportunidade de construção de novos laços e dinâmicas familiares, permitindo que todos os membros encontrem suporte emocional e novas relações significativas (PASLEY e GARNEAU, 2016; MICHAELS, 2006).

1.1 CICLO DE VIDA FAMILIAR: O CASAL E AS RELAÇÕES PARENTAIS

Nas organizações familiares, é possível perceber e reconhecer diferentes padrões na forma de se relacionar e conviver, mas, apesar dessa diversidade, há características que são semelhantes. Naquilo que se assemelham, podemos identificar o que consideramos como sendo as fases do ciclo vital da família. Conhecer essas fases pode nos possibilitar uma melhor compreensão no modo como essas famílias enfrentam e superam cada fase. Devemos ressaltar aqui que os estudos sobre o ciclo vital tiveram início na década de 1950; contudo, foi só na década de 1980 que Carter e McGoldrick (1995), escreveram sobre os estágios do ciclo de vida da família, com um enfoque sobre gerações, considerando até três gerações. As autoras discutiram sobre o desenvolvimento de cada estágio e sobre a dificuldade de transição de um estágio para o outro.

No ciclo de vida familiar, acontece o ciclo de vida individual, seus encontros e desencontros vão constituindo a trama da vida da família. Desse modo, não podemos afirmar que há um ponto de partida para o ciclo de vida familiar, mas temos que considerar que a família é um sistema que vai se movimentando no tempo como se fosse uma espiral, pois não há linearidade. Nessa perspectiva, deve-se levar em conta os fenômenos previsíveis e os imprevisíveis que ocorrem ao longo da vida, ou seja, o processo de expansão e realinhamento do sistema para lidar com os diversos acontecimentos, como, por exemplo, a entrada e saída dos membros, o desenvolvimento de cada pessoa e a assimilação dos acontecimentos cotidianos (MUSSUMECI e PONCIANO 2016).

Segundo as fases do ciclo vital familiar, a família inicia com a formação do casal e sofre uma transformação com a chegada dos filhos, que vão crescendo, tornando-se adolescentes e adultos; e,

com isso, a família vai passando por outras mudanças. Ao olhar para a formação do casal como uma etapa do ciclo vital, Martins (2018) é pontual ao analisar que, antes que um novo casal se forme, devemos considerar a família de origem da qual o sujeito traz uma bagagem. Isso, pois, atualmente, com as mudanças ocorridas na sociedade, as pessoas não estão mais tão presas às tradições familiares; por isso, elas podem vivenciar relações diferentes da que foram experienciadas nas famílias de origem. Tal vivência pressupõe uma liberdade em escolher o parceiro, porque, no ciclo de vida familiar, essa é a única escolha que o sujeito pode fazer. No entanto, essa liberdade tem que ser relativizada, pois tal escolha está pautada nas expectativas sociais e pessoais, sendo fortemente influenciada pela família de origem (CARTER e MCGOLDRICK).

Se considerarmos os relacionamentos conjugais que duram muito tempo, com mais de 20 anos, por exemplo, deve-se ter em mente que eles passaram por diversas transformações na relação conjugal e familiar. Entendemos que, quanto ao ciclo de vida familiar, o casal pode já ter passado pela fase da chegada dos filhos, eles podem já ser adolescentes ou ter passado dessa faixa etária, bem como estar na vida adulta, estando os cônjuges na meia idade. Esse é um período de expansão da vida e de novas oportunidades, além de ser um momento de avaliar o que foi construído e perdido, de projetar, bem como, de redirecionar o futuro. Nessa fase do ciclo vital que envolve casais de mais idade, o cuidado dos filhos deixa de ser tarefa central, a vida profissional perde destaque e os problemas de saúde podem aparecer. O casal tem mais tempo para ficar junto, mas a conjugalidade pode estar enfraquecida (MOSMANN et al., 2017).

A partir da compreensão das etapas do ciclo de vida, podemos entender melhor o ciclo vital da família, visto que nossas discussões nessa pesquisa remeterão sempre à questão da formação familiar. As autoras Carter e McGoldrick (1995) descrevem que as mudanças nos padrões, tais como o adiamento da saída da casa dos pais, a escolha pelo casamento mais tardiamente e o maior investimento na carreira profissional, podem aumentar de forma significativa a expectativa de vida, fazendo com que as pessoas vivam mais e resolvam construir uma família mais tarde ou até mesmo optem por não terem uma família. Nesse contexto, o lugar do casamento no ciclo de vida tem se modificado drasticamente: homens e mulheres estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo e casando-se cada vez mais tarde; as pessoas estão preferindo viver juntas a propriamente se casar. O casamento costumava ser o principal ritual de passagem para a vida adulta, pois, com ele, vinham os filhos. No entanto, a chegada dos filhos está sendo cada vez mais adiada ou os casais optam por não ter filhos.

As autoras relatam também que há mudança do papel da mulher como vetor de um índice alto de divórcios e da possibilidade de recasamento, trazendo uma maior complexidade para as famílias. Anteriormente, o cuidado com os filhos ocupava todo o tempo da vida ativa dos adultos; já com as mudanças ocorridas na família, tem ocupado menos da metade do tempo que antecede a velhice. Por isso, as autoras sinalizam quem a mudança do papel feminino nas famílias é relevante para

discutirmos os padrões de vida familiar. As mulheres tinham suas fases do ciclo de vida ligadas quase que, exclusivamente, ao cuidado dos filhos. Atualmente, dedicam-se à carreira profissional; além disso, não querem se sentir presas aos afazeres domésticos e não aceitam mais a ausência dos maridos. Com isso, os conflitos aparecem, e as mulheres se vêm com grandes dilemas (CARTER e MCGOLDRICK, 1995; KANUDSON-MARTIN, 2016). Tudo isso causa mudanças graduais no *status* do casamento. Em algumas sociedades, falar sobre a decisão de se casar ou a escolha do parceiro seria algo tão importante quanto falar sobre crescer ou não crescer. Casar podia ser considerado um progresso natural na vida e era inevitável passar por ele. Com as mudanças ocorridas na sociedade, as normas a respeito disso se transformaram à medida que uma grande parte da população já não se ajustava aos padrões tradicionais e questionava se era viável ou não uma conjugalidade nesse modelo.

Para McGoldrick e Shibusawa (2016), o conceito de ciclo de vida familiar passou por alterações e enriqueceu o processo sistêmico da família, fazendo com que os psicoterapeutas abandonem as normas que já estão ultrapassadas e, desse modo, podem aplicar uma estrutura conceitual positiva em torno da dimensão fluida de um ciclo vital que sofre constantes transformações. Por esse motivo, a psicoterapia de família sistêmica deve considerar de suma importância estudar e reformular constantemente o modelo de ciclo de vida familiar. Nesse contexto, aparece o conceito de parentalidade descrito por Féres-Carneiro e Magalhães (2011), tomando como base alguns elementos: o vínculo biológico, a relação de parentesco e sua pertença a um grupo familiar, a filiação, bem como o exercício da parentalidade. Devemos mencionar que o termo parentalidade foi utilizado pela primeira vez nos anos 1960, mas caiu em desuso por longos 20 anos. Contudo, foi retomado nos anos 1980 e, desde então, vem sempre empregado em diversas áreas do conhecimento, com divergências quanto a sua definição no meio científico (FÉRES-CARNEIRO e MAGALHÃES, 2011).

Autoras como Barbieiro e Baumgarten (2015), desenvolveram uma pesquisa que buscou elucidar a construção da identidade conjugal e como ela se redefine com a chegada dos filhos, além de observar qual é o espaço destinado para o casal em meio a tantas mudanças. As autoras discutiram em seu estudo que a chegada do filho na vida do casal inaugura a parentalidade. Isso envolve uma série de questões que engloba mudanças biológicas, psicológicas e sociais; tudo isso será aceito e compreendido se a relação conjugal estiver ajustada e o casal satisfeito (BARBIEIRO e BAUMKARTEN, 2015). A parentalidade é muito estudada dentro do ciclo vital familiar, pois é considerada uma fase muito importante na vida da família por ser acompanhada de uma diminuição da satisfação conjugal, de mudanças nos papéis familiares, ou seja, a mulher tem sua autoestima reduzida e o desempenho sexual é modificado. Nesse sentido, educar uma criança altera significativamente o casamento (MUSSUMECI e PONCIANO, 2016).

Além disso, é importante que o casal possa dedicar tempo para as decisões cotidianas, por exemplo:

em como irão utilizar o espaço comum, como vão lidar com questões financeiras e como farão para incorporar os membros da nova família na de origem (CARTER e MCGOLDRICK, 1995).

As autoras Mussumeci e Ponciano (2016), discutem que a relação conjugal influencia o comportamento dos filhos. A felicidade na vida conjugal auxilia na transformação de pais mais afetuosos, responsivos e sensíveis. Com isso, as autoras sinalizam que uma boa parentalidade pode estar relacionada, dentre outros aspectos, à qualidade na relação conjugal. Cabe explicitar, que discussões menos agressivas, com demonstrações de suporte e atitudes facilitadoras para a resolução do conflito não causam reações negativas nos filhos. Exposição a conflitos de menor intensidade mesmo que seja frequente não é prejudicial. As estratégias de conflitos que abarca na tentativa de resolução, em pedido de desculpa, no apoio afetivo e em esclarecimentos aos filhos sobre o motivo do conflito podem funcionar como estratégias de enfrentamento para desenvolvimento de habilidades (MUSSUMECI e PONCIANO, 2018).

É importante que os pais negociem entre si o espaço de cada um, além de redefinir a relação e de criar oportunidades que favoreçam a individualidade. Essa negociação precisa ser não só entre o casal, mas também com o filho, com a família extensa e com a rede de amigos. O casal que estabelece espaço para sua individualidade, para a conjugalidade, para a família extensa e para os amigos, consegue desenvolver melhores habilidades para a construção da parentalidade (LEITE, 2018).

1.2 FILHOS ADOLESCENTES: PERSPECTIVA RELACIONAL

Criar um espaço para a chegada dos filhos é um desafio, especialmente para casais contemporâneos. O equilíbrio nas relações entre homens e mulheres provocou um adiamento na concepção, alterando o papel tradicional de cuidado, que antes era restrito às mulheres. Atualmente, muitas famílias entendem que as crianças são responsabilidades compartilhadas, promovendo um apoio coletivo (JACOB-ALBY e VIVES, 2015). Essa transformação é essencial para constituir recursos que favoreçam a nova dinâmica familiar.

As adaptações na estrutura familiar para a adolescência não são simples. Elas envolvem profundas alterações nos padrões de relacionamento entre gerações, caracterizando uma fase do ciclo de vida familiar que pressupõe conflitos e estresse (MUNHOZ, 2017). A adolescência é marcada por mudanças biológicas e psicossociais, como a luta pela independência, a preocupação com a aparência e o desenvolvimento da identidade (GARCÍA, 2019).

Com a chegada dos filhos na adolescência, a família passa por mudanças estruturais e renegociações de papéis, envolvendo pelo menos três gerações. As demandas por maior autonomia dos adolescentes podem acelerar as transformações nos relacionamentos, servindo muitas vezes como catalisadoras para questões emocionais (MARTINS, 2018). As famílias, portanto, não apenas oferecem suporte econômico, mas também psicológico, preparando os filhos para um mundo em

constante mudança (CAMPOS et al., 2017; SILVA et al., 2020).

Faria e Ponciano (2018) destacam que o apoio parental é crucial para a regulação das experiências emocionais dos adolescentes. A passagem da infância para a adolescência gera mudanças potencialmente conflituosas, e a família deve ser um sistema fluido para permitir a autonomia e o desenvolvimento saudável dos jovens (FARIA e PONCIANO, 2018). A adolescência é vista como uma fase de preparação para a vida adulta, onde os adolescentes se aproximam mais dos pais, embora haja um afastamento físico em busca de novas relações com amigos e o mundo exterior (PONCIANO, 2016).

Thorsen e King (2016) indicam que a adolescência ativa um triângulo familiar envolvendo o adolescente, os pais e, frequentemente, os avós. O contexto da relação pais-filhos é importante, pois os conflitos tendem a ser menores do que se supõe, e as expectativas muitas vezes refletem mais os desafios cotidianos do que uma verdadeira ruptura (PONCIANO, 2016). Além disso, o gênero pode influenciar como os adolescentes vivenciam os desafios dessa fase, moldando suas interações e escolhas (MARQUES e MOURA, 2016).

Durante o divórcio e o novo casamento, os filhos adolescentes podem perceber um declínio no apoio emocional dos pais e uma redução no tempo que passam com eles. Isso pode afetar a qualidade do relacionamento, especialmente entre pais e filhas, que muitas vezes se tornam mais vulneráveis durante essas transições (THORSEN e SAWYER, 2021). A transição para uma família recasada envolve mudanças nas relações entre o pai biológico e o filho, além do estabelecimento de uma relação pai-padrasto-filho (THORSEN e KING, 2016).

A qualidade das relações pais-filhos é vital para o ajuste dos adolescentes durante o divórcio e recasamento. Pesquisas mostram que a comunicação é um preditor importante de proximidade nas relações padrasto-enteada, sugerindo que um maior envolvimento e diálogo são essenciais para construir laços saudáveis (CAMPBELL e WINN, 2018). Na família recasada, os indivíduos desempenham múltiplos papéis, e a construção da conjugalidade ocorre simultaneamente ao cuidado dos filhos do casamento anterior (DANTAS et al., 2019).

Discutir o ponto de vista relacional implica considerar os eventos que atravessam cada membro da família. Embora o divórcio e o recasamento sejam experiências comuns, eles podem gerar preocupações e tensões persistentes, como dificuldades econômicas e emocionais que não desaparecem facilmente (KOPROWSKI et al., 2020). A formação de um novo sistema familiar lidará com eventos imprevisíveis, exigindo flexibilidade nas relações e na adaptação dos papéis (SCARBINI e RANIERI, 2011).

A complexidade da família recasada pode gerar flexibilidade e experiências únicas, promovendo um senso de pertencimento e identidade familiar (DANTAS et al., 2019). O casal recasado deve negociar as funções parentais e a dinâmica conjugal, considerando suas bagagens emocionais, como o tempo de recasamento, a guarda dos filhos e o contexto do divórcio (THORSEN e SAWYER,

2021). O apoio afetivo e a comunicação aberta são fundamentais para preparar os adolescentes para a vida adulta e para a emancipação, garantindo que eles adquiram responsabilidades afetivas, sociais e ideacionais que os prepararão para o futuro (KOPROWSKI et al., 2020; SCARBINI e RANIERI, 2011).

A literatura sobre recasamento indica que as fontes de conflito estão ligadas à ambiguidade da fronteira familiar, à lealdade conflitante e às novas relações entre padrastos/madrastas e enteados. Embora existam padrões interativos destrutivos, muitas famílias recasadas conseguem negociar com sucesso, produzindo bem-estar e felicidade, mantendo suas estruturas funcionais (ROLHAS, 2016). A habilidade de navegar por essas complexidades pode determinar a qualidade das relações familiares e o desenvolvimento saudável dos adolescentes dentro desse novo contexto familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, ao estudar a literatura sobre famílias recasadas, que se faz necessário observar seus múltiplos contextos, facetas e modos de organização. Considerando que as famílias em suas relações, apresentam sofrimento e alguns desajustes, assim devemos compreendê-las a partir de seus laços culturais e organizadores sociais que influenciam a dinâmica familiar. Com isso, é possível notar que cada sujeito da família tem uma forma de se organizar.

Em nossas leituras, podemos verificar que a complexidade do divórcio está em reconhecer que é um momento instável com impactos nos sujeitos envolvidos; mas, ao mesmo tempo, notamos que a sua ocorrência por si só não é determinante de adoecimento mental, emocional, funcional e/ou disfuncional na vida dos envolvidos. O modo como as relações acontecem, sejam elas cônjuges, ex-cônjuges entre pais e filhos (as), entre mães e filhos (as), membros da família nuclear, da família ampliada, bem como a qualidade dessas relações, é que serão fundamentais para a determinação dos impactos do divórcio a curto, médio e longo prazo (PONCIANO e FÉRES-CARNEIRO, 2017).

No que se refere ao recasamento, fruto também de uma nova organização do ciclo familiar, vimos que a nova união traz possibilidades de uma nova vivência e, para os casais, soa como uma nova oportunidade para a felicidade e de se sentirem numa família.

Diante do estresse da transição do divórcio para o recasamento, somado ao estresse da presença de filhos, principalmente de adolescentes, levar em conta os contextos que cada indivíduo envolvido nessa relação vive, é fundamental para considerar o que há de positivo na construção desse projeto de família. Para os filhos adolescentes, inicialmente, pode ser um momento de muita desconfiança e insegurança, mas que, com o passar do tempo e com a convivência, torna-se uma oportunidade de criar novos laços e desenvolver afetos genuínos. Não estamos, com isso, subestimando o sofrimento que o recasamento dos pais pode causar aos filhos, pois de acordo com a bibliografia consultada a adaptação à nova casa, aos novos parceiros e as mudanças na dinâmica da família, pode levar tempo, gerando conflitos danosos aos sujeitos envolvidos (PASLEY e

GARNEAU, 2016).

Dessa forma, acreditamos que as reflexões apontadas nesta revisão integrativa podem auxiliar na construção de outros estudos, assim como na prática clínica, sobretudo na relação familiar de famílias recasadas com filhos adolescentes, bem como contribuir para expansão de estratégias com famílias recasadas em diversos contextos de políticas públicas da educação, de saúde e de assistência social. Por fim, acreditamos que valorizar as estratégias que as próprias famílias recasadas constroem para lidar com o estresse e promover bem-estar, pode auxiliar na redução de um olhar estigmatizado em relação à dinâmica desse modelo de família.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. P.; ARPINI, D. M. **A conjugalidade e os conflitos vivenciados a partir do recasamento.** *Pensando Famílias*, v. 21, n. 1, p. 3-19, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: [24 Nov. 2024].

BARBIEIRO, E. B.; BAUMKARTEN, S. T. **Somos pais, e agora? A história de nós dois depois dos filhos.** *Pensando Famílias*, v. 19, n. 1, p. 32-45, 2015.

BARCELLOS, M. R.; DANTAS, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T. **Fim da conjugalidade na transição para a parentalidade: adaptação feminina ao novo arranjo familiar.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003233736>. Acesso em: [15 Out. 2024].

BATISTA, A. et al. **Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil (Nota técnica).** Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/view/nois-pucrio/publica%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: [15 Out. 2024].

CAMPBELL, C. G.; WINN, E. J. **Father-daughter bonds: a comparison of adolescent daughters' relationships with resident biological fathers and stepfathers.** *Family Relations*, v. 67, n. 5, p. 675-686, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/fare.12342>. Acesso em: [22 Jul. 2024].

CAMPOS, M. T. de A. et al. **Socialização, gênero e família: uma revisão integrativa da literatura científica.** *Pensando Famílias*, v. 21, n. 1, p. 146-161, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: [10 maio 2022].

- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** *Artes Médicas*, 1995.
- DANTAS, C. R. T. et al. **Repercussões da parentalidade na conjugalidade do casal recasado: revelações das madrastas.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3545>. Acesso em: [15 de Jun. 2024].
- FARIA, A. P. S.; PONCIANO, E. L. T. **Conquistas e fracassos: os pais como base segura para a experiência emocional na adolescência.** *Pensando Famílias*, v. 22, p. 87-103, 2018.
- FARIA, A. P. S.; PONCIANO, E. L. T. **Relação pais e filho(as): identidade e apego na adolescência.** In: PONCIANO, E. L. T.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. S. (Orgs.). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta*. p. 85-110. CRV, 2016.
- FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. **A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas.** In: MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, E. P. (Orgs.). *Família e parentalidade: olhares da Psicologia e da História*. p. 117-134. Editora Juruá, 2011.
- GANONG, L. H. et al. **Divorced and remarried parenting.** In: BORNSTEIN, M. H. (Ed.). *Handbook of parenting: Being and becoming a parent*. p. 311-344. Routledge/Taylor & Francis Group, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429433214-9>. Acesso em: [12 Dez. 2023].
- GARCÍA, L. R. **Efectos de la formación de una familia reconstituida sobre el adolescente.** Trabalho de fim de grau em Psicologia, Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, Comilla Universidad Pontificia, Madrid, Espanha, 2019.
- GREENNE, S. et al. **Risco e resiliência após o divórcio.** In: WALSH, F. (Ed.). *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*. 4. ed. Artmed, 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo, 2010.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em: [01 Dez. 2024].
- JACOB-ALBY, V.; VIVES, J.-M. **Parentalité et paternité: les nouvelles modalités contemporaines du 'faire famille'.** *Dialogues: Famille & Couples*, v. 207, p. 19-30, 2015.
- KILLEWALD, A. **Money, work, and marital stability: Assessing change in the gendered determinants of divorce.** *American Sociological Review*, v. 81, n. 4, p. 696-719, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0003122416655340>. Acesso em: [01 Dez. 2024].

KANUDSON-MARTIN, C. **Mudanças nas normas de gênero na família e na sociedade.** In: WALSH, F. (Ed.). *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. 4. ed. p. 324-346. Artmed, 2016.

KOPROWSKI, A. H. et al. **Conflito conjugal e sistema parental: uma revisão integrativa da literatura nacional.** *Pensando Famílias*, v. 24, n. 2, p. 15-31, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: [01 Dez. 2024].

LEITE, M. L. M. M. da R. **A experiência psicológica da transição para a parentalidade: estudo de casos.** Dissertação de Mestrado, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2018.

MARQUES, L. F.; MOURA, M. L. S. **Autonomia adolescentes.** In: PONCIANO, E. L. T.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. S. (Orgs.). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta*. p. 46-84. CRV, 2016.

MARTINS, A. R. R. **Revisão sistemática do ciclo vital da família.** Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal, 2018.

MCGOLDRICK, M.; SHIBUSAWA, T. **O ciclo de vida familiar.** In: WALSH, F. (Ed.). *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade*. p. 375-398. Artmed, 2016.

MICHAELS, M. L. **Factors that contribute to stepfamily success: A qualitative analysis.** *Journal of Divorce & Remarriage*, v. 44, n. 3-4, p. 53-66, 2006.

MOSMANN, C. P. et al. **Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes.** *Estudos de Psicologia*, v. 34, n. 4, p. 487-498, 2017.

MUNHOZ, D. P. **Parentalidade: fortalecimento das relações entre pais e filhos adolescentes.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Brasil, 2017.

MUSSUMECI, A. A.; PONCIANO, E. L. T. **Ciclo de vida conjugal: momentos de estresse previsíveis e imprevisíveis ao longo do casamento.** *Psicologia em Revista*, v. 25, n. 3, p. 1171-1193, 2019. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/13042>. Acesso em: [10 Jul. 2024].

_____. **Coping e coping diádico: uma análise qualitativa das estratégias de coping de casais.** *Psicologia Clínica*, v. 30, n. 1, p. 165-190, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n01A09>. Acesso em: [10 Jul. 2024].

_____. **Estresse, coping e experiências emocionais: uma análise das respostas de enfrentamento do casal.** *Pensando Famílias*, v. 21, n. 1, p. 33-49, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100004. Acesso em: [10 Jul. 2024].

_____. **Conjugalidade e relacionamentos pais e filhos(as): pesquisas e propostas de intervenção.** In: PONCIANO, E. L. T.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. S. (Orgs.). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta*. p. 153-177. CRV, 2016.

NAIFF, L.; SILVA, L. **Recasamento: identificando representações sociais na conjugalidade e na parentalidade.** *Ayvu: Revista de Psicologia*, v. 4, n. 1, p. 145-167, 2017.

PASLEY, K.; GARNEAU, C. **Recasamento e família recasada.** In: WALSH, F. (Ed.). *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. 4. ed. p. 149-171. Artmed, 2016.

PONCIANO, E. L. T. **Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para vida adulta: foco na saúde emocional.** In: PONCIANO, E. L. T.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. S. (Orgs.). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta*. p. 13-46. CRV Editora, 2016.

PONCIANO, E. L. T.; FÉRES-CARNEIRO, T. **Conjugalidade, parentalidade e separação: repercussões no relacionamento pais e filhos.** *Psicologia em Estudo*, v. 22, n. 2, p. 277-287, 2017.

RALEY, K.; SWEENEY, M. **Divorce, repartnering, and stepfamilies: a decade in review.** *Journal of Marriage and Family*, v. 82, p. 81-99, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jomf.12651>. Acesso em: [10 Jul. 2024].

RAMÍREZ, E. C. et al. **La experiencia de divorcio y la terapia familiar. Miradas diversas.** *Poiésis*, n. 38, p. 63-83, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21501/16920945.3555>. Acesso em: [10 Fev. 2024].

RIBEIRO, M. F. da R. **Reflexões sobre a conjugalidade e parentalidade: um caleidoscópio de constituições familiares.** *Jornal de Psicanálise*, v. 49, n. 91, p. 97-109, 2016.

ROLHAS, R. A. C. **Satisfação conjugal, coping diádico e funcionamento familiar – contributo para a geometria de famílias intactas e reconstruídas.** Dissertação de Mestrado, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Lisboa, Portugal, 2016.

SCABINI, E.; RANIERI, S. **Família com filhos adolescentes: a perspectiva relacional.** In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. (Orgs.). *Família e parentalidade: olhares da psicologia e da história.* p. 169-186. Juruá, 2011.

SCHWARTZ, C. R.; GONALONS-PONS, P. **Trends in relative earnings and marital dissolution: Are wives who outearn their husbands still more likely to divorce?** *The Russell Sage Foundation Journal of the Social Sciences*, v. 2, n. 4, p. 218-236, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7758/rsf.2016.2.4.08>. Acesso em: [22 Set. 2023].

SILVA, L. D. L. et al. **A construção da parentalidade após a dissolução conjugal e as oficinas de parentalidade.** *Nova Perspectiva Sistémica*, v. 29, n. 66, p. 87-100, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.38034/nps.v29i66.519>. Acesso em: [22 Set. 2023].

SILVA, L. F.; PONCIANO, E. L. T. **Estresse, coping e bem-estar na conjugalidade e na parentalidade: uma revisão narrativa.** *Pensando Famílias*, (no prelo).

THORSEN, M. L.; KING, V. **My mother's husband: Factors associated with how adolescents label their stepfathers.** *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 33, n. 6, p. 835–851, 2016.

THORSEN, M. L.; SAWYER, E. **Divorce and remarriage.** In: HUPP, S.; JEWELL, J. (Eds.). *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development.* Wiley Online Library, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad413>. Acesso em: [22 Set. 2023].

VIEIRA, L. et al. **O divórcio e o recasamento dos pais na percepção dos filhos adolescentes.** *Pensando Famílias*, v. 23, n. 1, p. 121-136, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: [03 Set. 2023].